

**COLUNA**

**HISTÓRIA DA ÁFRICA PRÉ-COLONIAL**

**Mariana Bracks Fonseca**

**A Rainha de Sabá: entre o matriarcado e o monoteísmo**

**E**sta é uma poderosa rainha africana da Antiguidade, uma figura lendária que transita entre o mito e a história. Ela é referenciada nas Antigas Escrituras do Torá judaico e aparece no livro de Reis da Bíblia Cristã como “Rainha de Sabá” que veio do Sul para ver com seus próprios olhos a grandeza de Israel (Reis I, 10; 1-13). Ela aparece também no Alcorão como uma poderosa “mulher, que governa (o povo), provida de tudo, e possuindo um magnífico trono” e que adorava o sol e veio a se converter a fé em Allah. (Sura 27; 20-45). Esta rainha é também protagonista do *Kebra Negast* considerado o livro sagrado da Etiópia.

Seguiremos o fio da narrativa etíope, que busca exaltar a glória dos reis daquele Império, cujas origens remonta à Antiguidade, e afirmar a predileção de Deus pelo povo etíope, a partir da linhagem iniciada pela Rainha de Sabá, ali chamada Makeda.



Esta rainha teria vivido aproximadamente no século X A.C. na região da Arábia Feliz, região que compreende a atual Etiópia o Yemen. Pela posição geográfica estratégica, o reino de Sabá floresceu através do comércio entre Ásia e África.

Makeda é descrita como uma mulher poderosa, sábia, consciente da grandeza de seu reino, que decide atravessar o deserto para conhecer o rei Salomão. Soubera da existência deste rei por intermédio de um mercador de seu reino chamado Tâwrin, que levou mercadorias para Israel e viu a fama que este soberano tinha por todo o mundo, conhecido como “o rei dos reis”.

A rainha de Sabá ouviu todas as histórias que seu mercador contava sobre a inacabável sabedoria do rei de Israel e desejou conhecê-lo pessoalmente. Decidiu atravessar o deserto para acessar aquela reputada inteligência e assim montou uma impressionante caravana com toneladas de ouro, incenso, marfim, pedras preciosas, madeiras e animais selvagens para presentear Salomão, como demonstração de sua autoridade e riqueza.



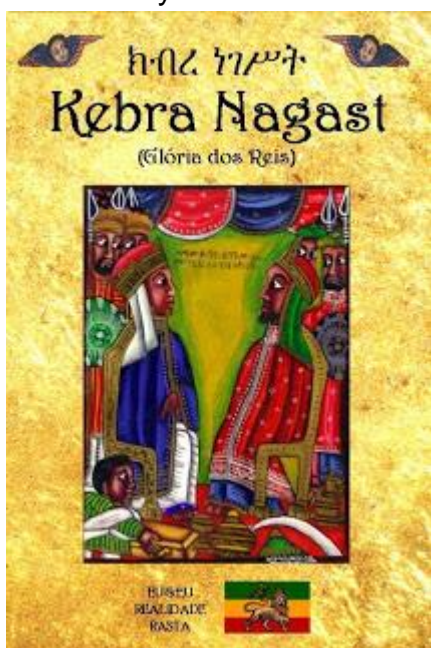
Foi muito bem recebida em Israel e durante meses ficou hospedada na corte de Salomão, que a convidava com frequência a passear em seus jardins. Neste período, teve provas incontestes da famosa sabedoria do filho de Davi, a que ele atribuía à vontade divina. Sua humildade chamava atenção, já que ele tratava a todos com igualdade e não se considerava superior ao mais pobre empregado. A maioria dos ensinamentos de Salomão à rainha de Sabá giram em torno do monoteísmo, da unicidade de Deus. O rei afirma repetidas vezes que esta era a fonte de toda sua ciência e de todas as coisas existentes: o Deus de Israel, único e indivisível, o “grande criador.” E o Kebra Negast deixa a entender que foi o acesso a este poder supremo, que criou inclusive o sol venerado pelos etíopes, que seduziu Makeda. Ela ficou encantada pela fé

inabalável do rei de Israel, dotado pelo próprio Deus para conduzir os outros povos de sua existência e grandeza.

Quando Makeda anunciou seu regresso a Etiópia, Salomão convidou-a para um jantar a dois em um quarto especialmente ornado para o encontro. A rainha fez Salomão jurar que não a tomaria a força. O rei concordou, mas em contrapartida, exigiu que Makeda não tomaria nada dele que não lhe fosse ofertado. A rainha considerou esta exigência um absurdo, pois jamais roubaria nada, mas concordou. Trato feito, jantaram excelentes carnes preparadas e condimentadas para aquela ocasião. Mas Salomão, perspicaz, pediu aos cozinheiros que salgassem excessivamente a comida.

Depois do jantar, ordenou a um de seus criados que deixasse uma jarra de água ao lado da cama da rainha. No meio da noite, Makeda, com muita sede devido ao sal da comida, levantou-se e foi beber a água. Em um salto, Salomão lembrou que a água não fora lhe oferecida. A rainha questionou que era apenas água. “Existe alguma coisa que tu tenhas visto sob os céus melhor do que a água?”<sup>1</sup>, retrucou o sábio rei. Desta forma, Salomão ficou livre de seu juramento e pôde deitar-se com a rainha de Sabá.

Naquela noite de amor, Makeda foi fecundada e antes mesmo de chegar a Etiópia, deu à luz a um menino que recebeu o nome Menelik (também escrito como Bayna-Lehkem ou Menyelek)



Um ponto chama atenção na narrativa contida no Kebra Negast: o poder naquela região era exclusivamente executado por mulheres, que deveriam se manter virgens. Não era autorizado a um homem reinar. Esta passagem corrobora a tese apresentada por Cheikh Anta Diop, em *Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*, que afirmou que o poder político na África Antiga era prioritariamente feminino e o matriarcado foi a primeira forma que as sociedades africanas encontraram para se organizar politicamente.

Ao retornar a seu reino, Makeda provavelmente lidou com adversidades, já que não era mais virgem e assim, deveria perder seu direito à regência. O Kebra Negast não menciona nenhuma oposição interna ao governo de Makeda, ao contrário, afirma que ela voltou com o grande conhecimento e riquezas, que compartilhou com os principais de seu reino e passou a difundir o monoteísmo na região. “E ela

<sup>1</sup> *KEBRA NEGAST GLÓRIA DOS REIS*. Edição e Tradução: Luísa Andrade de Sousa. Eu &Eu Realidade Rasta, 2012. P.5



comandava seu reino corretamente, e ninguém desobedecia a seus comandos; pois ela amava a sabedoria e Deus fortalecia seu reino.”<sup>2</sup>

Contudo, a narrativa etíope pontua a dificuldade de Makeda em garantir a sucessão a seu filho já que nenhum homem até então havia reinado:

Naquela época, havia uma lei no país da Etiópia na qual [apenas] uma mulher reinaria, e que ela deveria ser uma virgem que nunca houvesse conhecido um homem, mas a Rainha disse [a Salomão]: “De agora em diante, um homem que é de tua semente reinará, e uma mulher não reinará nunca mais; somente tua semente reinará, e sua semente depois dele, de geração em geração (...)”<sup>3</sup>

Para garantir o reinado de Menelik, ela manda seu filho a Israel, pedir as bênçãos de seu pai, de quem ele desconhecia a identidade até este momento. O raciocínio era lógico: se o rei dos reis confirmasse o filho no poder, ninguém se atreveria a negar sua autoridade, por mais que isto desafiasse as tradições matriarcais.

Ao chegar nas terras de Israel, Menelik foi confundido por muitos habitantes com o próprio rei Salomão, cujas semelhanças físicas eram visíveis. Um funcionário do rei conduziu o jovem a seu palácio e Salomão reconheceu o filho rapidamente. Aquele era o seu primogênito, que deveria herdar todo o seu império. Contudo, Menelick, antes da viagem, havia jurado a sua mãe que retornaria a Etiópia.

Pai e filho conviveram por algum tempo, em que Menelik foi instruído sobretudo nos assuntos espirituais. Salomão contou a ele do grande poder de Sião, a arca em que estavam guardadas as tábuas dos Dez Mandamentos, entregues a Moisés pelas mãos divinas. O povo de Israel havia sido o escolhido por Deus para ser o guardião de Sua lei, representada por Sião. Menelik foi ungido como rei pelos principais sacerdotes de Israel e o batizaram com o nome de seu avô paterno, Davi.

Quando Menelik anunciou que deveria regressar a Etiópia, Salomão reuniu os principais homens de sua corte e determinou que cada um deveria mandar seu primogênito para acompanhar seu filho rumo a África. Lá iriam compor o reinado de Menelik, desempenhando as mesmas funções que seus pais tinham na corte de Israel. Apesar do absurdo que aquela determinação poderia parecer, ninguém ousou contrariar os mandos do rei.

Mas os primogênitos, que se colocavam como os guardiões de Sião, entenderam que não poderiam deixar a Arca sagrada longe de sua proteção. Então formularam um plano secreto para roubar a relíquia. A façanha e a longa travessia até a Etiópia foram por todo o tempo acompanhadas e protegidas por anjos, que fizeram a caravana voar pelo deserto, segundo a narrativa fantástica.



<sup>2</sup> KEBRA NEGAST. P. 63

<sup>3</sup> Idem. P. 64

A chegada da “Arca da Aliança” na Etiópia representa, para este povo, que Deus o escolheu e a ele confiou como o novo guardião da Lei Divina. A Etiópia passou a ser a nova morada de Sião, o tabernáculo dos mandamentos de Deus:

Menyelek estava realizando a Vontade de Deus ao remover o Tabernáculo de Sião de Jerusalém, pois Deus estava convencido de que os judeus não eram dignos de serem os guardiões da Arca na qual Sua Presença estava, e assim a Arca desejou partir. A Etiópia estendeu suas mãos a Deus (Salmos 68: 31) e Ele foi até ela com a Arca, para presidir o reino de Menyelek, o qual foi estabelecido de acordo com os mandamentos que Deus deu a Moisés, e aos sacerdotes e profetas de Israel.<sup>4</sup>

É importante refletir sobre as condições de produção e reprodução do *Kebra Negast*, que busca legitimar os reis da Etiópia como descendentes diretos do rei Salomão, fundadores da linhagem Salomônica, que só terminou em 1974, com a deposição do Imperador Haile Selassie *Rás Tafari*.

Por ora, fica a reflexão sobre a anterioridade do poder feminino na região da Etiópia e sobre como “mito de fundação” do monoteísmo na África legitima instituições e visões de mundo, do século X A.C até o presente.

### Mariana Bracks Fonseca

Doutora em História da África pela USP. Autora dos livros *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola* (Mazza Edições, 2015), onde discutiu as estratégias de guerra e paz da soberana angolana. *Rainha Ginga: guerreira de Angola*, que traz em quadrinhos esta história para ser utilizado como material paradidático nas escolas, e *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora* (Brazil Publishing, 2019) em que discute a permanência dessa rainha na cultura afro-brasileira e na construção da identidade angolana na perspectiva da longa duração. Atualmente desenvolve projeto de Pós-doutorado na UFMG, sobre a história de Aline Sitoé Diatta, heroína do Senegal."



### REFERÊNCIAS

KEBRA NEGAST *GLÓRIA DOS REIS*. Edição e Tradução: Luísa Andrade de Sousa. Eu & Eu Realidade Rasta, 2012.

BROOKS, Dr Miguel F.. *A Modern Translation of Kebrā Nagast: The Glory of Kings*. Kingston, Jamaica: Kingston Publishers, 1995.

BUDGE, Sir E. A. Wallis (translated by). *The Queen of Sheba and Her Only Son Menyelek* (Kebrā Nagast). Publications, Ethiopian Series, Cambridge, Ontário, 2000.

DIOP, Cheikh Anta. *A Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Lisboa: Editora Pedagogo, 2014.

<sup>4</sup> BUDGE, Sir E. A. Wallis (translated by). *The Queen of Sheba and Her Only Son Menyelek* (Kebrā Nagast). Publications, Ethiopian Series, Cambridge, Ontário, 2000.



Revista África e Africanidades – Ano XII – n. 33, fev. 2020 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeaficanidades.com.br](http://www.africaeaficanidades.com.br)